

# Repositório Histórico

## PEQUENOS GRUPOS, GRANDES RESULTADOS

Todos os meus livros dedicados à Medicina tiveram como preocupação os pequenos grupos se excetuarmos O MUNDO DA FAMÍLIA (1995), mesmo assim onde a perspectiva sistêmica esteve sempre presente. É uma das constantes da minha obra construída como um diálogo ou uma interpelação cujos ecos têm sido raros.

O DIÁRIO DO ORIENTADOR que em 2016 completará 25 anos sobre a sua publicação (Prémio Bial de 1990) foi, contudo, aquele em que o seu foco foi mais explícito e onde teve uma expressão histórica. A sua ideologia será a ideologia da especialidade de Medicina Geral e Familiar. Esta obra conserva-se atual porque continha em si uma identidade forte, bebida e assumida quando era dirigente da Associação Portuguesa de Medicina Geral e Familiar.

O epílogo da obra O MUNDO DA FAMÍLIA, citando a conferência de Marshall Marinker no 11º Encontro Nacional de Clínica Geral realizado na Póvoa do Varzim, explica-o muito bem: “a especialidade, se é realmente uma especialidade distinta, expressar-se-à como tal na sua própria linguagem”. Vocabulário, gramática e estilo.<sup>1</sup>

## A FORMAÇÃO ESPECÍFICA EM SERVIÇO (1988-1999)

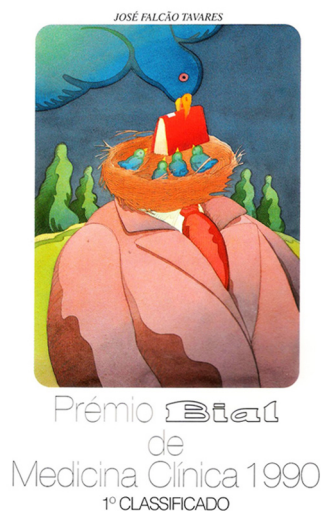
Para que possam compreender e situar essa época, citarei trechos daquela minha obra, O DIÁRIO DO ORIENTADOR: “Os médicos que escolhem o internato complementar de MGF (então de CG) ingressam num processo de formação idêntico ao de outras carreiras. Existe atualmente uma só via para ser especialista”.

“No entanto, quando a carreira de MGF (então de CG) foi criada em 1982 um número avultado de médicos foi colocado por todo o país a desempenhar funções sem ter recebido o treino vocacional específico – o internato complementar.”

“Por isso, surgiu a partir de 1986 a Formação Específica em Serviço. Dirigida pelos três Institutos de Clínica Geral (Norte, Centro e Sul) desdobrava-se por três etapas: Ensino de Sala (250 horas), Reciclagem Hospitalar (350 horas), Exercício Orientado (600 horas)”.<sup>2</sup>

Cedo se revelaria crucial a aprendizagem através do Exercício Orientado no próprio local de trabalho dos médicos em formação, organizados em pequenos grupos. É sobre essa experiência como orientador em 1989 e 1990 que O DIÁRIO DO ORIENTADOR se debruça depois de eu próprio ter sido orientado pela Dra. Maria do Carmo Paisana no ano anterior.

## O DIÁRIO DO ORIENTADOR



## O EXERCÍCIO ORIENTADO

“No início”, volto a citar, “realizava-se uma reunião preparatória entre os orientadores, os médicos de clínica geral/médicos de família em formação, e a equipa coordenadora do Instituto de Clínica Geral.” Quatro médicos por orientador.

“O primeiro passo era uma entrevista entre o Clínico Geral em Formação e o Orientador para preencher um inquérito, definindo a sua lista de utentes, grupos de risco, projetos em que participou, bibliografia que utiliza ou conhece. Seria útil para identificar necessidades formativas.” Que precisas de aprender?

“O segundo passo era planejar o Exercício Orientado de modo a cumprir o desempenho de 26 tarefas, algumas das quais facultativas. Eram previstas estratégias de aprendizagem, calendário de reuniões, visitas ao local de trabalho, processos de avaliação.” Como iremos fazê-lo, quando e como?

“O terceiro passo constaria do relatório do Exercício Orientado, traduzindo de forma dinâmica o cumprimento das tarefas e o desenrolar do plano.” Eis o balanço do que nos aconteceu, e do que pudemos aprender.

As famosas Conferências de Formação organizadas pela APMGF (então chamada APMCG) e experiências isoladas como aquela que ocorreu no Centro de Saúde da Amadora contribuíram muito para que a mudança no espaço de três anos fosse vertiginosa e certa levando o Ministro da Educação, Eng<sup>o</sup> Roberto Carneiro, a declarar em 1989 “a necessidade de o ensino médico se estender para fora dos hospitais centrais que têm tido o seu exclusivo”.<sup>2</sup>

A Declaração de Edimburgo surgida em 1988 terá tido muita influência nessa mudança, e no desenvolvimento académico da MGF em Portugal segundo José Guilherme Jordão.<sup>3</sup>

“Duas consequências relevantes”, nova citação, “foram a criação de cadeiras de Clínica Geral/Medicina Familiar/Medicina Comunitária em Lisboa, no Porto e em Coimbra, e a passagem do Exercício Orientado de etapa a estratégia da Formação Específica.”.<sup>2</sup>

## OS PEQUENOS GRUPOS: EXPERIENCIA DE ABRANTES E DE TOMAR

O processo de aprendizagem em Medicina Geral e Familiar possui aspectos peculiares, sendo a única especialidade médica que surgiu por “necessidade social”, e não por imperativo da tecnologia ou da ciência.<sup>4</sup> O conteúdo da MGF não é definido pelos médicos, mas pelos pacientes. Observamos aqueles problemas que nos trazem, toda a espécie de problemas que nos trazem porque são os cuidados de saúde primários aqueles que vivem na proximidade dos cidadãos e serão para eles os primeiros.

Esta questão do contexto em MGF foi muito bem abordada pelo Prof Luís Rebelo no prefácio de O MUNDO DA FAMÍLIA, quando ele como presidente do Colégio da Especialidade teve a gentileza de apoiar a edição da obra.<sup>1</sup> Distingue então entre o contexto da prática e uma prática de contexto.

Se na prática de contexto, valorizamos onde o paciente vive, o local de trabalho, a família e o meio de onde provem, a raça, a religião e as crenças, provérbios e rituais, no contexto da nossa prática profissional porque não valorizar os recursos que temos, o círculo de profissionais que passa grande parte da sua vida no Centro de Saúde? O isolamento profissional e geográfico são grandes ameaças ao desenvolvimento profissional.

Foi esse um pressuposto do Exercício Orientado naqueles anos, e continua a sê-lo agora com características estruturais e regulamentares nas Unidades de Saúde Familiar. Os pequenos grupos afiguram-se a pedra de toque das mudanças operadas a nível organizativo, mas são um mecanismo de suporte, não a substância que as orienta e justifica.

## OS PEQUENOS GRUPOS: MODO DE FUNCIONAMENTO

Voltando atrás, como funcionavam esses pequenos grupos da Formação Específica em Exercício? Cito o resumo de O DIÁRIO DE O ORIENTADOR: “Inicialmente, orientado para a tarefa (comunicar uma revisão sobre otites na criança), o grupo discutia o tópico escolhido. O Orientador concentrava-se na manutenção das regras do jogo.”<sup>2</sup>

“Com maior experiência adquirida e um grupo mais aberto, o Orientador utilizou na mesma reunião diversas estratégias. Cada orientado apresentava o seu caso-problema, o resumo de um artigo para ser comentado e, a seguir, o Orientador interpelava todos os membros do grupo sobre uma mesma questão, qual é a vossa opinião pessoal sobre Le Patriarche? E porquê?” (Idem).

Veremos mais à frente como estas duas estratégias corresponderão a dois tipos de discurso como o filósofo da linguagem, Mikhail Bakhtin, nos ensinou. Duas linguagens como iremos ler.

Os pequenos grupos constituem uma prova necessária à formação dos médicos, mesmo que eles sejam já especialistas. Cada um deles sabe que terá oportunidade para falar, para testemunhar os anos de experiência, e para ser ouvido. Esta oportunidade, repetindo-se, permitirá aprender a usar o tempo como recurso, corrigindo posições, ajustando processos, e colocando dúvidas que interessará esclarecer.

“O importante no seio do grupo não é aquilo que o Orientador diz”, segundo Abbat.<sup>5</sup> “É aquilo que cada médico em formação diz que vai produzir o maior efeito”. O papel do orientador está longe de ser passivo, alimentando mais o processo do que o conteúdo, habitualmente estruturado pelo grupo ou pela interação criada durante a apresentação de casos.

### OS PEQUENOS GRUPOS: CONTRIBUTOS TEÓRICOS

Esta experiência dos pequenos grupos em Portugal durante a Formação Específica em Serviço, a nível oficial, constitui um exemplo pioneiro na área da saúde. Possui como antecedente a prática do Ensino Mútuo, processo com raízes gregas e que foi recuperado durante o Iluminismo.<sup>6</sup> Chamaram-lhe “monitorial system” ou método de Lancaster.

O Ensino Mútuo permitiu nas escolas de ensino médico um aproveitamento melhor em turmas muito grandes. No Hospital de S. José em Lisboa, o professor de Anatomia e cirurgião, Manoel Constâncio, criaria à época um clima favorável ao apoio dos estudantes mais novos pelos mais velhos, e à participação dos últimos no processo de avaliação.<sup>7,8</sup>

Aprende-se realmente? Funciona mesmo? Se inicialmente, havia pressupostos políticos e pragmáticos como a ideia de democratizar o acesso ao ensino e a necessidade urgente de combater a ignorância, chegariam apenas os contributos teóricos capazes de explicar os seus fundamentos e o seu êxito no século XX.

Para Vygotsky (1896-1934), o conhecimento é adquirido através das relações entre as pessoas de acordo com a sua teoria de “zona de desenvolvimento proximal”, noção que viria a alimentar a educação de adultos.<sup>9</sup> Defende-se que uma pessoa é capaz de aprender com outras que estejam em nível mais avançado de desenvolvimento, não necessariamente com um professor. Trata-se da base do sócio-interacionismo.

Mas se se aprende de forma autónoma, como explicar a persistência de um Discurso Autoritário na formação de professores ou de médicos? Ele corresponde a uma estratégia necessária se se pretender fazer apenas a revisão de um tema, no entanto, quando se trata de problemas relacionais ou existenciais poderá ser mais útil o Discurso Internamente Persuasivo como nos ensina outro teórico russo, Mikhail Bakhtin.<sup>10</sup>

O primeiro Discurso corresponde a um enunciado, e um significado, como sucede tantas vezes na linguagem da ciência, o segundo Discurso corresponderá a um enunciado, vários significados, como sucede na linguagem literária.

### OS PEQUENOS GRUPOS: FUTURO E SUBSTÂNCIA

Existe ambiguidade quanto à função e limites dos pequenos grupos nos Centros de Saúde e Unidades de Saúde Familiar. Na verdade, como defendem Guattari e Mikhail Bakhtin, dois filósofos da linguagem, aqueles que falam, acima de serem sujeitos linguísticos ou psicológicos, são “mundos possíveis”. Isso é assustador para quem fala muito sobre liberdade, mas a teme profundamente, e para quem quer controlar política e administrativa-mente o sistema de produção de crenças e o centro de produção de custos ao mesmo tempo.

Os pequenos grupos poderão ser formativos, de Balint, narrativos ou dedicados apenas à governança clínica, segundo os desafios que aceitarem interna ou externamente.<sup>11</sup> A Educação Médica Contínua, afastados os laboratórios farmacêuticos desta linha vocacional, interpela uma nova geração de médicos para definir como ela decorrerá, os seus limites e objetivos. Qual será o papel dos instrumentos de e-learning? Como se adaptará a Associação Portuguesa de MGF a estes novos tempos? Resistirá o poder administrativo a controlar esta actividade?

José Falcão Tavares,  
Médico de Família no CS Abrantes – UCSP (1982-...)

### Referências Bibliográficas

1. TAVARES JF, O Mundo da Família, Ed Bial, 1995, Porto.
2. TAVARES JF, O Diário do Orientador, Ed Bial, 1991, Porto.
3. JORDÃO JG, Da Memória – Medicina Geral e Familiar, 20 Anos da APMCG, MVAInventLivros, 2003, Lisboa.
4. CEITLIN J, Reflexiones sobre Medicina Familiar, Butletí, Soc. Valenciana de Medi. Familiar e Comunitária, N° Especial, Fev, 1988, Valência.
5. ABBAT FR, Ensinar para Melhor Aprender. Um Guia para Formadores de profissionais em CSP, OMS, 1980, Genebra.
6. CONDE MT, O Modo de Ensino Mútuo na formação dos Mestres de Primeiras Letras, Uma experiência pedagógica no Portugal oitocentista, Rev. Lusofona Educação, 2005,6, 117-37.
7. CASTRO A, Manuel Constâncio, o Páreo Português, Câmara Municipal de Abrantes, 1993, Abrantes.
8. MARTINS E SILVA J, Anotações sobre a História do Ensino da Medicina em Lisboa desde a criação da Universidade Portuguesa até 1911, 1ª Parte, Ver. Fac. Medic. Lisboa, 2002, Série III; 7 (5): 237-49.
9. VYGOTSKY L, Imaginação e Criatividade na infância, Dinalivro, 2012, Lisboa.
10. MAGALHÃES MC, NINIM MC, LESSA A, The discursive Dynamics in Teacher Education: Authorative discourse or internally persuasive discourse?, Bakhtiniana, Jan/Jul 2014, 9 (1): 138-156, São Paulo.
11. TAVARES JF, Medicina Narrativa – Alice no País dos Provérbios, Ed. Euro-Medice, 2015, Lisboa.